

H. S. 4390

OFFERTA

9

NATAL DE 1914

CARTA PASTORAL

DE

SUA EMINENCIA

O CARDEAL MERCIER

ARCEBISPO DE MALINES



A. 68773

SOBRE O

PATRIOTISMO E FORTALEZA

LONDRES :
EYRE & SPOTTISWOODE, LTD.

1915

Malines, Natal de 1914.

MEUS MUITO AMADOS IRMÃOS,

ESCASSEAM-ME as palavras para vos manifestar até que ponto são vivas as recordações que de vós me ficaram durante estes mezes de sofrimento e de lucto, que acabamos de atravessar. Tive que vos deixar abruptamente para ir prestar ao nosso venerando e amado Papa, que acabavamos de perder, as minhas derradeiras homenagens e desempenhar-me de uma obrigação de consciencia, á qual me não podia eximir, a eleição do successor de Pio X., o Pontifice que hoje rege a Igreja sob o nome auspicioso e promettedor, de Benedicto XV.

Já em Roma, soube successivamente da destruição parcial da collegiata de Louvain, do incendio da bibliotheca e installações scientificas da nossa grande universidade, da devastação da cidade, dos fuzilamentos e torturas infligidas a mulheres, creanças e homens inermes. E ainda sob a tremenda impressão de semelhantes horrores, as agencias telegraphicas annunciavam-nos o bombardeio de nossa admiravel igreja metropolitana, da igreja de Notre Dame d'alem do Dyle, do palacio episcopal e bairros consideraveis de nossa querida cidade de Malines.

Affastado de minha diocese, sem meios de poder comunicar comvosco tive que concentrar a dôr na alma e leval-a com as saudades de vós que nunca me abandonavam, aos pés do crucificado.

E foi este pensamento que me sustentou a coragem e me serviu de luz; o mundo acha-se ás presas com uma catastrophe, disse eu para commigo, e é logo a nossa querida e pequena Belgica, tão fiel a Deus na maioria da população, tão altiva pelo seu patriotismo, tão engrandecida pelo seu rei e seu governo a primeira victima! Ella está-se esvaindo em sangue, seus filhos cahem aos milhares, nos fortes, nos campos de batalha para defender seu direito e a integridade de seu territorio e não tardará que no territorio Belga se não encontre uma unica familia que não esteja de lucto; porque, meu Deus, todas estas dores? Senhor, Senhor ter-nos-heis abandonado?

Olhei então para o meu crucifixo; contemplei o Jesus, o meigo e humilde cordeiro de Deus, martyrisado e envolto em Seu sangue como em uma tunica e pareceu-me ouvir sahir de seus labios as palavras que o Psalmista profere no seu "Meu Deus, meu Deus porque me abandonastes? Porque recuzais socorrer-me e ouvir meus queixumes?"*

E com isto o murmurio se deteve em meus labios pensando no que o nosso Divino Salvador havia dito no Seu Evangelho. "Não deve o servo ser mais bem tratado que o seu amo."† O christão é o discipulo de um Deus que se fez homem para soffrer e morrer. Resistir contra a dôr, revoltar se contra a Providencia por ella permittir o soffrimento e o lucto, é esquecer a nossa

* Ps. xxi., 1.

† Math. x., 24.

origem, a escola em que nos educámos, o exemplar que cada um de nós traz em si incrustado no seu nome de christão, que cada um de nós honra no seu lar, contempla no altar perante o qual reza e deseja sobre a tumba onde deve dormir o seu ultimo somno.

Meus muito amados irmãos, mais tarde voltarei á lei providencial do soffrimento, mas não podereis porem negar que se a um Deus feito homem, santo, innocente, sem mancha approuve soffrer e morrer por nós pecadores, culpados, quiçá criminosos, mal nos fica queixar-nos por muito que tenhamos que soffrer ; a verdade é que nenhuma catastrophe no mundo que attinge só creaturas é comparavel á aquella que nossos pecados provocaram e de que o proprio Deus quiz ser no Calvario a victima innocente.

Recordada esta verdade fundamental, sinto-me com mais desaforo para vos convidar a que encareis de frente a situação em que nos achamos e para vos fallar sem rodeios, tanto de nossos deveres como tambem de nossas esperanças.

Estes deveres resuma-os em duas palavras ; Patriotismo e fortaleza.

I.

PATRIOTISMO.

Meus muito amados irmãos, eu aspirava a tornar me interprete do reconhecimento de que vos e eu nos achamos possuidos, cuja idade, e posição social, são beneficiadas pelo heroismo de outros, sem a isso nos associarmos por uma forma immediata e positiva.

Quando de regresso de Roma e já no Havre, fui saudar os nossos feridos Belgas, Francezes ou Inglezes ; quando mais tarde, em Malines, em Louvain, em Anvers, me foi dado apertar a mão e estes bravos que tinham recebido balas nos seus tecidos ou feridas nas suas fronteiras por terem marchado ao ataque do inimigo ou aguentado o embate de seus ataques, vinha-me espontaneamente aos labios uma palavra para elles de reconhecimento commovido " Meus valentes amigos," lhes dizia, " foi por nós, por cada um de nós, por mim, que expuzestes vossa vida e que estaes padecendo. Deixai-me que vos manifeste meu respeito, minha gratidão e que vos assegure que todo o paiz sabe quanto vos deve."

É que de facto os nossos soldados são nossos salvadores.

Da primeira vez, em Liege, salvaram a França ; da segunda vez, em Flandres detiveram a marcha do inimigo para Calais ; a França e a Inglaterra não o ignoram e a Belgica é hoje olhada por ellas e mesmo por todo o mundo, como uma terra de heroes. Em toda a minha vida nunca me senti tão orgulhoso de ser Belga como quando atravessando as estações de caminho de ferro e de paragem em Paris, de visita a Londres fui testemunha ocular da admiração enthusiasta, por toda a parte, dos nossos

allidados pelo heroismo de nosso exercito. Nosso rei, na estimativa de todos, se acha no topo da escala moral; sem duvida é elle o unico que o ignora enquanto que como o mais simples de seus soldados percorre as trincheiras e anima com a serenidade de seu sorriso aquelles a quem pede que não duvidem da patria.

Na presente hora o dever de todo o cidadão Belga é o do reconhecimento para com o nosso exercito.

Se um homem vos tivesse salvo de um naufragio ou de um incendio por certo que vos considerariéis ligado a elle por uma divida de gratidão eterna.

Não é um homem, são duzentos e cincoenta mil homens que se batem, que soffrem e cahem por vossa causa, para que vos conserveis livres, para que a Belgica conserve a sua independencia sua dynastia, sua união patriotica e que depois das peripecias que se desdobram nos campos de batalha ella se erga mais nobre, mais altiva, mas pura e mais gloriosa do que nunca.

Orai todos os dias, meus irmãos, por estes duzentos e cincoenta mil homens e pelos caudilhos que os conduzem a victoria; orai pelos nossos irmãos d'armas; orai pelos que cahiram; orai por aquelles que continuam luctando; orai pelos recrutas que se preparam para as luctas de amanhã.

Em vosso nome, lhes envio de aqui a saudação da nossa fraternal sympathia e a segurança que não só oramos pelo successo de suas armas e pela salvação eterna de suas almas, como tambem que accetamos por sua intenção tudo o que ha para nós de penoso, physica e moralmente, na nossa oppressão momentanea, tudo quanto o futuro nos possa ainda reservar de humilhações temporarias, angustias ou de dôres.

No dia da victoria final todas as honras serão nossas, é justo portanto, que hoje as penas sejam todas nossas.

A julgar pelos rumores que até mim chegaram, parece que de certos pontos em que a população menos soffreu se erguem ás vezes contra Deus palavras amargas que a terem sido ditas de animo pensado friamente seriam quasi blasphematorias.

Oh! bem posso avaliar que instincto natural se revolta contra os males que desceram sobre a catholica Belgica; o grito exontaneo da consciencia é sempre de que o successo corôe logo a virtude e a injustiça seja reprimida em seguida.

Mas os camiuhos de Deus não são os nossos, diz a Escritura; a Providencia dá largas, durante o intervallo que sua sabedoria mediu, ao jogo das paixões humanas e embate de interesses. Deus é paciente porque elle é eterno. A ultima palavra, a da misericordia, é para aquelles que tem fé no amor. "Porque estás triste ó minha alma e por que te perturbas? *Quare tristis es anima mea et quare conturbas me?* Espera em Deus; abençoa-o a despeito de tudo; não é elle o teu Salvador e o teu Deus? *Spera in Deo quoniam adhuc confitebor illi, salutare vultus mei et Deus meus.*"*

* Ps. xlii., 5.

Quando o santo homem Job que Deus quiz apresentar como modelo de constancia ás gerações futuras, tinha sido consecutivamente privado por Satanaz, de seus bens, filhos e saude seus amigos passavam perante elle desafiando-o e incitando-o a revoltar-se; sua mulher suggeria-lhe pensamentos de blasphemia e maldição: “que ganhas tu em te conservar integro, “lhe dizia ella? Amaldiçoa a Deus e morre.”* Mas homem de Deus era inabalavel na sua fé “Tuas palavras são as de “uma insensata, lhe replicava elle; quando Deus nos accumulava de bens, recebiamol-os de Suas mãos; porque nos “esquivariamos agora a receber os males com que Elle nos “afflige? Elle é o amo. Elle dá e torna a tirar. Que seu “Santo nome seja bendito para sempre! *Dominus dedit, “Dominus abstulit; sicut Domino placuit ita factum est. Sit “nomen Domini benedictum.*”†

Ora a experiencia demonstrou que o Santo homem tinha razão, o Senhor houve por bem recompensar neste mundo ao seu servo fiel. Restituiu-lhe o dobrado de tudo o que lhe havia tirado e em attenção a elle perdoou aos seus amigos.”‡

Menos de que ninguem, talvez, ignoro o que tem soffrido o nosso pobre paiz. E espero que nenhum Belga porá em duvida o quanto echoam em minha alma como cidadão e bispo, semelhantes dores. Estes quatro ultimos mezes parecem-me ter durado um seculo.

Os nossos bravos tem sido ceifados aos milhares; as esposas e mães choram pelos ausentes que não mais tornarão a ver; os lares estão desertos, a miseria espalha-se, a angustia é pungente. Em Malines, em Anvers vi a população de duas grandes cidades entregues, uma durante seis horas e a outra durante trinta e quatro horas de bombardeamento continuo, aos terrores da morte. Percorri a maior parte das regiões mais devastadas da diocese; Duffel, Lierre, Berlaer Saint Rombaut, Konings-Hoyckt; Mortsel, Waelhem, Muysen, Wavre Ste. Catherine, Wavre Notre Dame; Sempst, Weerde, Eppegghem; Hofstade, Elewyty; Rymenam, Boort-Meerbeek, Wespelaer, Haecht, Wechter-Wackerzeel, Rotselaer, Tremeloo; Louvain e os aggregados suburbanos, Blauwput, Kessel-Loo, Boven-Loo, Linden, Herent, Thildonck, Bueken, Relst; Aerschot, Wese-mael, Hersselt; Diest, Schaffen, Molenstede, Rillaer, Gelrode e o que eu vi de ruinas e cinzas excede tudo quanto apezar das minhas apprehensões aliás bem vivas, eu poderia imaginar. Certas partes de minha diocése que eu não tinha tido tempo de tornar a visitar Haekendover, Roosbeek, Boutersem, Budingen, Neerlinder; Ottignies, Mousty, Wavre; Beyghem, Capelle au Bois, Humbeek, Nieuwenrode, Liezele, Londerzeel; Heydonck, Mariekerke, Weert, Blaesvelt soffreram as mesmas devastações. Igrejas, escolas, asylos, hospitaes, conventos em consideravel numero achem-se fóra de uso ou em ruinas. Ha aldeias que

* “Dixit autem illi uxor sua; adhuc tu permanes in simplicitate tua! “Benedic Deo et morere,” Job ii., 9.

† Job ii., 10; i., 21.

‡ xli., 8-10.

desappareceram quasi por inteiro. Em Werchter-Wackerzeel, por exemplo de 380 fógos só restam 130; em Tremeloo dois terços da communa foram arrazados; em Bueken de 100 casas só restam 20; em Schaffen de um aggregado de 200 casas desappareceram 189, restam 11. Em Louvain o terço da area edificada da cidade foi destruido; desappareceram 1074 predios no territorio da cidade e das communas suburbanas, Kessel-Loo Herent et Héverlé reunidas ha um total de 1823 predios incendiados.

Nesta querida cidade Louvanista de que não posso affastar minhas recordações, a soberba collegiata de São Pedro não mais recuperará o seu antigo esplendor; o antigo collegio de Santo Ivo; a escola das bellas artes da cidade: a escola commercial e consular da universidade, as "halles" seculares, a nossa rica bibliotheca, com suas collecções, seus incunabulos, seus manuscritos ineditos, seus archivos, a galeria de suas glorias desde os primeiros dias da fundação, retratos dos reitores, dos chanceleres, dos professores illustres perante os quaes os mestres e discipulos de hoje se impregnavam de nobreza tradicional e se animavam para o trabalho; toda esta accumulção de riquezas intellectuaes, historicas, artisticas, fructo de cinco seculos de labor tudo se acha aniquilado.

Numerosas parochias ficaram privadas de seu pastor. Parece-me estar ainda ouvindo a voz dolente de um velho a quem perguntei, se no Domingo tinha ouvido missa na sua igreja esburacada; "ha mais de dois mezes disse elle, que não temos visto padre algum." O cura e o vigario estavam em um campo de concentração em Munsterlagen, não longe de Hanover. Milhares de cidadãos Belgas tem sido deste modo deportados para as prisões da Allemanha, em Munsterlagen, em Celle, em Magdeburg. Só em Munsterlagen ha 3100 presos civis. A historia dirá das torturas physicas e moraes de seu longo calvario.

Centenas de innocentes teem sido fuzilados; não possuo um rol completo deste sinistro necrologio mas sei que isto se deu, especializando 91 em Aerschot e que ahi, sob ameaça de morte seus conterraneos foram forçados a cavar as valas para a sepultura. Na agglomeração de Louvain e das communas limitrophes 176 pessoas homens, mulheres, anciãos e creanças ainda de peito, ricos e pobres, validos e enfermos foram fuziladas ou queimadas.

Só na minha diocese sei de treze sacerdotes ou religiosos que foram executados.* Um delles, cura de Gelrode, segundo

* Seus confrades em religião ou no sacerdocio terão empenho em saber seus nomes, eil-os pois; Dupierreux, da Companhia de Jesus; os Irmãos Sebastien e Allard, da Congregação dos Josephitas, o Irmão Candide da Congregação dos Irmãos da Misericordia; o Padre Maximin, Capuchinho e o Padre Vincent, Conventual; Lombaerts, cura em Boven-Loo; Goris, cura em Augaerden, o Abade Caréte, professor no Collegio Episcopal de Louvain; De Clerck, cura em Bueken; Dergent, cura em Gelrode; Wouters Jean, cura em Pont-Brulé, diversas circumstancias nos levam a crer que o cura de Herent, Van Bladel, veneravel ancião de setenta e um annos tambem foi morto, entretanto até agora ainda se não encontrou o cadaver.

consta, com todos os visos de verdade, morreu como martyr. Fiz uma peregrinação á sua sepultura e rodeado das ovelhas que ainda hontem apascentava com o zelo de um apóstolo, suppliquei-lhe que lá dos ceus guardasse a sua parochia, a diocese, a patria.

Não nos é possível computar os mortos nem medir o alcance de nossas ruinas. Que seria, se nos encaminhassemos para as regiões de Liége, de Namur, d'Andenne, de Dinant ; de Tamines, de Charleroi ; na direcção de Virton, o Semois, todo o Luxemburgo ; na direcção de Termonde, Dixmude as nossas duas Flandres ?*

Ainda mesmo nos logares onde não houve morticinios e os edificios materiaes ficaram intactos, quantos soffrimentos occultos ! Familias que ainda hontem viviam desafogadas se acham passando privações ; o commercio está paralyzado ; arruinadas as profissões ; a industria parada ; milhares e milhares d'operarios estão sem trabalho ; as operarias, as empregadas de lojas, humildes creadas de servir, acham-se privadas do seu ganha pão e pobres creaturas agitando se no seu leito de dôr, perguntam anciosas quando terá isto fim ?

A isto só podemos responder Deus é o unico que o sabe.

Sim, meus bem amados irmãos isto é segredo de Deus. Elle é o Senhor dos acontecimentos e soberano regulador das sociedades. *Domini est terra et plenitudo ejus ; orbis terrarum et universi qui habitant in eo.* " A terra é Vossa Senhor, com tudo o que ella encerra, " Vosso é o nosso globó e todos os " que o habitam." † A primeira relação entre a creatura e o Creador é a de uma dependencia absoluta. A propria existencia é dependente ; a natureza, as faculdades, os actos, as obras, o são tambem. A cada momento que decorre se renova a dependencia porque sem a vontade do Todo Poderoso a existencia do primeiro unico instante se desvaneceria antes do segundo. A adoração, isto é o reconhecimento da soberania divina, não é objecto de um ácto fugaz, deve ser o estado permanente da creatura conscia de suas origens. Em todas as paginas das Sagradas escripturas Jehovah affirma seu soberano dominio. Toda a economia da lei antiga, toda a historia do povo escolhido tendem para o mesmo objectivo ; Sustentar Jehovah

* Dizia eu que houve treze fuzilamentos de ecclesiasticos na diocese de Malines. Que eu proprio saiba houve mais de trinta nas dioceses de Namur, de Tournai, e de Liége ; Schlôgel, cura d'Hastiêre ; Gille, cura de Couvin ; Pieret vigario em Étaille, Alexandre, cura em Mussy-la-Ville ; Maréchal, seminarista de Maissin, o Rev. Padre Gillet, Benedictino de Maredsous, o Rev. Padre Nicolas, Premonstratense de Abadia de Leffe ; dois irmãos da mesma abadia ; um irmão da congregação dos Oblatas ; Poskin, cura de Surice ; Hotlet, cura de Alloux ; George, cura de Tintigny ; Glouden, cura de Latour ; Zenden, cura aposentado em Latour ; o abade Jaques ; Druet, cura d'Acoz ; Pollart, cura de Roselies ; Labeye, cura de Blegny Trembleur ; Thielen, cura d'Haccourt ; Janssen, cura d'Heure le Romain ; Chabot, cura de Foret ; Dossogne, cura d'Hockay, Reussonnet, vigario d'Olme ; Bilande, Esmoler dos Surdo-mudos em Bouge ; o abbade Docq, etc.

† Ps. xxiii., 1.

sobre o throno e derrubar os idolos. “Eu sou o primeiro e o ultimo,” diz elle, em Izaias, “e fóra de mim não ha Deus. Quem é igual a mim? Que se adiante e falle! . . . Ha algum outro refugio fóra de mim? . . . Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz; eu crio a desgraça. Sou eu Jehovah que faço tudo isto. . . . Ai do que disputar com Aquelle que o forma, caco de barro entre os cacos de barro! Por ventura o barro diz ao oleiro: Que fazes? e a louça ao oleiro: Tu és desastrado! . . . Fallai, exponde, deliberai. Mas, ficai sabendo que Deus justo e salvador não ha outro senão eu.”*

Ah! raciocinio soberbo do homem tu crias poder passar sem Deus! Tu rias com ironia quando pelo seu Christo e pela sua Igreja Elle pronunciava as palavras graves da expiação e da penitencia. Intoxicado com teus ephemeros successos, homem frivolo, saciado de ouro e de prazer, consideravaste como perfeitamente bastante mesmo para ti proprio. E o Deus verdadeiro ficava no esquecimento, desconhecido blasphemado com clamor, ás vezes por aquelles que a sua posição ordenava de servir de exemplo para os outros, de respeito pela ordem e pelas leis. A anarchia chegou até as camadas inferiores, as consciencias rectas sentiram se tentadas pelo escandalo: Até quando, pemsavam ellas, até quando, Senhor tolerareis vós o orgulho da iniquidade? Onde estais, Mestre, porventura tereis dado razão ao impio que proclama que não tomais interesse pela vossa obra?

Desce um raio e cis todos os calculos humanos deitados por terra a Europa acha-se sobre um vulcão.

O temor do Senhor é o principio da sabedoria.

Os pensamentos agitam-se nas almas, uma ha porem que as domina é o sentimento de que Deus se revela como Mestre.

As nações que foram as primeiras a atacar e as que se defendem, sentem se igualmente na mão d'Aquelle sem o qual nada se faz e nada tem resultado.

Homens de ha muito desacostumados da oração se estão voltando para Deus. No exercito, sociedade civil, em publico, no intimo das consciencias se está orando. E desta vez a oração não é uma palavra aprendida de cór que desponta aos labios, ella sobe do fundo da alma e apresenta-se perante a Soberana Magestade sob a forma sublime do offerecimento da propria vida. É o ser todo que se immola a Deus. É a adoração, o cumprimento do primeiro e fundamental preceito de ordem moral e religiosa, “*Domínium Deum tuum adorabis et illi soli servies.*”† “Tu adorarás o Senhor teu Deus e só a elle servirás.”

Mesmo os que murmuram e não se sentem com animo para se submetterem sob á mão que os fere e nos salva, reconhecem implicitamente que Deus é o Senhor supremo porque d'elle não blasphemam senão por que Elle se não appressa, ao seu modo, em vir satisfazer os seus desejos.

Quanto a nós, meus Irmãos, adoral-o-hemos sinceramente. Não vemos ainda em todo o seu esplendor a revelação da Sua

* Isaias xlv., 4, e seq.

† Deut., Matth. iv., 10.

sabedoria, mas a nossa fé assim o crê. Nós nos humilhamos perante a sua justiça e contamos com a sua misericórdia. Assim como o santo homem Tobias, reconhecemos que elle nos castiga porque peccámos, mas sabemos que elle nos ha de salvar porque elle é misericordioso. “*Ipsè castigavit nos propter iniquitates et ipse salvabit nos propter misericordiam suam.*”*

Seria talvez cruel insistir sobre os nossos erros na agora propria occasião em que por elles estamos pagando tão duramente e com tanta grandeza d'alma. Mas porque não confessar que temos alguma cousa que expiar? A quem elle tanto deu tem Deus o direito de tornar a pedir a restituição de muito “*Omni autem cui multum datum est, multum quaeretur ab eo.*”† Ora, o nivel moral e religioso do paiz subia parallelamente com a sua prosperidade economica? O descanço dominical, assistencia á missa do Domingo, o respeito pelo matrimonio, as leis da modestia, que faziéis a este respeito? O que era feito mesmo entre as familias christãs, da simplicidade de nossos paes, do espirito de penitencia, da confiança na authoridade? E, nós, religiosos, padres, bispo, nós, sobretudo cuja missão sublime a de traduzir na nossa vida, mais, que nos proprios discursos o evangelho de Christo, tinhamos direito bastante de repetir ao nosso povo as palavra do apostolo das nações; “*Copiai a vossa vida da minha, assim como a minha é a copia da de Christo, Imitatores mei estote, sicut et ego Christi?*”‡ Nos trabalhamos sim, nós oravamos tambem mas é muito pouco. Nos somos por dever, de profissão os expiadores publicos dos peccados do mundo. Ora o que é que dominava em nossa vida, o bem estar burguez ou a expiação?

Oh! sim todos nós, a cada momento incorriamos na censura que o Eterno fazia ao seu povo escolhido depois da sahida do Egypto; “*Eu engordei meu povo e elle tornou-se indocil, meus filhos foram infieis, elles trataram-me como se eu não fosse o seu Deus, eu os tratarei como se elles já não fossem o meu povo*” *Incrassatus est dilectus et et recalcitravit . . . Infideles filii; ipsi me provocaverunt in eo, qui non erat Deo, et ego provocabo eos in eo qui non est populus.*”

“*Comtudo eu os salvarei, porque não desejo que os adversarios se illudam e digam: Nosso pulso foi forte, fomos nós e não o Eterno que fez todas cousas.*” “*Sed propter iram inimicorum distuli ne forte superbirent hostes eorum et dicerent; Manus nostra excelsa et non Dominus fecit haec omnia.*” “*Sabei pois que sou eu quem é Deus e que não ha outro Deus senão eu; eu faço viver, eu faço morrer, eu firo e eu o curo. Videte quod ego sim solus et non sit alius Deus praeter me. Ego occidam et ego vivere faciam; percutiam et ego sanabo.*”§

Deus salvará a Belgica, meus Irmãos, não duvideis de modo algum.

Ou antes ainda, elle já a está salvando.

* Tobie xiii., 6.

† Luc. xii., 48.

‡ 1 Cor. xi., 1.

§ Deuter., Canticum Moysis, xxxii., 15 et seq.

Na verdade atravez dos clarões dos incendios e dos vapores de sangue não estaes já discernindo os testemunhos de seu amor ?

Qual será o patriota que não reconheca que a Belgica se engrandeceu ?

Qual de nós teria a coragem de arrancar a ultima pagina de nossa historia ?

Quem não contemplará com altivez a irradiação da gloria da patria martyrisada ?

Emquanto que com a dor ella alimenta a heroismo, a nossa mãe patria incute energia no sangue de seus filhos.

E mister reconhecer que nós precisávamos de uma licção de patriotismo.

Havia Belgas, em grande numero, que esgotavam as suas forças e malbaratavam seu tempo em questiunculas estereis, de classes, de raças, e de paixões pessoaes.

Quando porem a 2 de Agosto uma potencia estrangeira confiando na sua força e esquecendo a fé dos tratados ousou ameaçar a nossa independencia todos os Belgas sem distincção de partidos de condição ou origem ergueram-se como um só homem, unindo-se ao seu rei e governo para dizer ao invasor : não has de passar !

Subitamente, vimo-nos resolutamente conscios de nosso patriotismo e de que em cada um de nós ha um sentimento mais profundo que o interesse pessoal que os laços de sangue e a impulsão dos partidos e a necessidade, e a seguir, a vontade de se dedicar ao que Roma chamava a cousa publica " Res publica " este sentimento é o patriotismo.

A *patria* não é mais do que uma agglomeração de individuos, ou de familias habitando o mesmo solo, trocando entre si relações mais ou menos intimas de vizinhança ou de negocios ; rememorando as mesmas recordações felizes ou dolorosas ; não, ella é uma associação de almas em serviço de uma organização social que a todo o preço, ainda mesmo á custa de nosso sangue devemos salvaguardar e defender sob a direcção d'aquelle ou d'aquelles que presidem aos seus destinos.

E é por terem a mesma alma, que os compatriotas vivem pelas suas tradições da mesma vida no passado ; pelas suas communs aspirações e communs esperanças do mesmo prolongamento da vida no futuro.

O patriotismo principio interno d'unidade e ordem, ligação organica dos membros d'uma patria commum era considerado pela élite dos pensadores da Grecia e da Roma antiga como a mais sublime das virtudes naturaes. Aristoteles, o principe dos philosophos pagãos considerava que o desinteresse em serviço da Cidade, isto é do Estado, era ideal terrestre por excellencia.

A religião de Christo faz do patriotismo uma lei, não ha Christão perfeito que não seja um patriota perfeito.

Ella vai alem do ideal da razão pagã, e o precisa, fazendo ver que não se realiza senão no absoluto.

Donde vem de facto este impulso universal irresistivel que impulsiona de subito todas as vontades da nação para um unico exforço de cohesão e de resistencia ás forças inimigas que ameaçam a sua unidade e independencia ?

Como explicar que na occasião todos os interesses cedem perante o interesse geral e que todas as vidas se offerecem espontaneamente em sacrificio ?

Não é verdade que o Estado valha essencialmente mais do que o individuo e a familia, visto que o bem estar das familias e do individuo é a razao de ser de sua organização.

Não é verdade que a patria seja um deus Moloch sobre e cujo altar todas vidas possam ser legitimamente sacrificadas.

A brutalidade dos costumes pagãos e o despotismo dos Cezares tinham conduzido a esta aberração (e o militarismo moderno tende a fazel-a reviver), que o estado é omnipotente e que seu poder discrecionario faz lei.

Não assim replica a theologia Christã, o direito é a paz, isto é, a ordem interna da nação baseada sobre a justiça. Ora nem a propria justiça é absoluta, senão por ser a expressão das relações essenciaes do homem com Deus e do homem com o homem.

É por isso que a guerra como guerra é um crime. A guerra so se pode justificar como meio necessario para garantir a paz.

“Não deve a paz servir de preparativo para a guerra,” diz Santo Agostinho ; só se deve fazer a guerra para se obter a paz. “*Non enim pax quaeritur ut bellum excitetur ; sed bellum geritur ut pax adquiratur.*”*

A luz desse ensino que São Thomaz d’Aquino por seu turno repete†, o patriotismo toma um caracter religioso.

Os interesses de familia, de classe, de partido, a vida corporal do individuo são na escala dos valores, abaixo do ideal patriotico porque este ideal é o direito, que é absoluto. Ainda mais, este ideal é o reconhecimento publico do direito applicado á nação, a honra nacional.

Ora, na realidade nada ha de absoluto senão Deus.

Só Deus domina pela sua santidade e pela soberania de Seu imperio todos os interesses.

Affirmar a necessidade absoluta de tudo subordinar ao direito, á justiça, á ordem, á verdade, é affirmar implicitamente a Deus.

E quano os nossos humildes soldados a quem nós saudavamos pelo seu heroismo nos respondiam com simplicidade ; não fizemos senão o nosso dever “a honra o exige” exprimiam a seu modo o caracter religioso de seu patriotismo.

Quem é que não sente que o patriotismo é “sagrado” e que um attentado contra a dignidade nacional é uma especie de profanação sacrilega ?

Ha pouco tempo me perguntava um official do Estado Maior se o soldado que cahe victima do serviço de uma causa justa, e evidentemente que a nossa o é, não era realmente um martyr.

* S. Aug., “Ep. ad. Bonifacium,” 189, 6.

† “Sum. Theol.,” 2. 2. q. 40, art. 1.

Na accepção rigorosa e theologica da palavra, o soldado não é um martyr porque morre com as armas na mão emquanto que o martyr se entrega sem defeza á violencia dos seus algozes.

Mas se me perguntardes o que penso da salvação eterna de um bravo que dá conscienciosamente a sua vida pela defeza da honra nacional e vingança da justiça violada, não hesito em responder que sem duvida alguma Christo corôa a valentia militar e que a morte christamente accete assegura ao soldado a salvação da alma.

“Não temos,” diz Jesus Christo, “melhor meio de practicar a caridade senão dando a vida por aquelles a quem amamos.”
*“Majorem hac dilationem nemo habet ut animam suam ponat quia pro amicis suis?”**

O soldado que morre para salvar os irmãos, para proteger os lares e os altares da patria cumpre esta sublime forma de caridade.

Nem sempre terá, admito, submettido a uma analyse minuciosa, o valor moral do seu sacrificio, mas é licito suppôr que Deus exige do bravo arrastado ao fogo do combate, as precisões methodicas do moralista ou do theologo?

Nós admiramos o heroismo do soldado, será possivel que Deus não o acolha com amor?

Mães christãs, tende orgulho pelos vossos filhos. De todas as dores a vossa é talvez a mais digna de veneração. Parece-me estarvos vendo enlutadas, mas de pé ao lado da Virgem das dôres junto á Cruz. Deixai-me que vos felicite, ao mesmo tempo que vos dou as minhas condolencias. Nem todos os nossos heroes figuram na ordem do dia dos exercitos, mas temos fundamentos para esperar que elles venham a cingir a corôa immortal dos eleitos.

Porque tal é a virtude de um acto de perfeita caridade, que só por si basta para purificar uma vida cheia de peccados. De um culpado em um momento se faz um santo.

Deve ser para nós uma consolação christã o pensar que aquelles, não so entre os nossos, mas seja em que exercito for, que obedecem de boa fé á disciplina de seus chefes para servir uma causa que elles julgam justa podem beneficiar pela virtude moral de seu sacrificio. E quantos não ha entre estes mancebos de vinte annos que não teriam tido talvez a coragem de bem viver e no arranque de patriotismo se sentem com a coragem de bem morrer?

Não é pois verdade, meu irmãos, que Deus tem a arte suprema de juntar a sua misericordia e a sabedoria á justiça e não deverieis reconhecer que se a guerra é para a nossa vida terreste um flagello cuja força e alcance de destruição difficilmente poderiamos medir, é tambem para as almas um agente purificador, um factor d'expiação, uma alavanca que os auxilia a chegar ás culminancias do patriotismo e do desinteresse christão?

* Joan xv., 13.

II.

FORTALEZA.

Podemos dizer e sem orgulho desmarcado, meus irmãos, que a nossa pequena Belgica conquistou um lugar de destaque na estima das nações.

Eu sei que tem-se encontrado, na Hollanda e Italia sobretudo, bastantes pessoas intelligentes que tem dito: para que expôr a Belgica a esta immensa perda de riquezas e de pessoas? Não teria sido sufficiente protestar verbalmente contra a aggressão do inimigo ou em caso de necessidade disparar um tiro de canhão na fronteira?

Mas todos os homens de sentimento devem ser por nós contra semelhantes considerações mesquinhas.

O utilitarismo não é, para os individuos nem para collectividades, a norma do civismo christão.

O artigo 7 do tratado assignado em Londres a 19 Abril de 1839 pelo rei Leopoldo em nome da Belgica, por um lado; pelo Imperador da Austria, o Rei da França, a Rainha da Inglaterra, o Rei da Prussia, o Imperador da Russia por outro lado estatua que "á Belgica formará um estado independente e perpetuamente neutro e que por sua parte ella se obriga a observar a mesma neutralidade para com todos os Estados." Por sua parte os co-signatarios do tratado "promettem sob juramento por si e pelos seus successores, cumprir e observar o dito tratado em todos os seus pontos e artigos sem contravenção e não permittir que seja contravindo."

A Belgica tinha-se empenhado sob palavra de honra a defender a sua independencia e cumpriu a sua palavra.

As outras potencias tinham-se compromettido a respeitar e a proteger a neutralidade Belga; a Allemanha violou o juramento; a Inglaterra conservou-se-lhe fiel.

Eis pois aqui os factos.

Os direitos de consciencia são soberanos; teria sido indigno da nossa parte occultar-nos por detraz de um simulacro de resistencia.

Não lamentamos o nosso primeiro impulso, orgulhamo-nos disso. Escrevendo em hora tragica uma pagina solemne da nossa historia quizemos que fosse sincera e gloriosa.

E emquanto for possivel daremos provas da nossa fortaleza.

O povo humilde dá-nos o exemplo. Os cidadãos de todas as classes sociaes tem sido prodigos com seus filhos pela patria; mas elle, sobre tudo soffre privações, frio e talvez fome. Ora se eu devo julgar dos seus sentimentos em geral, pelo que me foi dado verificar nos bairros populares de Malines e nas communas mais castigadas de minha diocese, o povo tem energia no seu soffrimento. Espera a desforra não appela para a abdicção.

A prova está nas mãos da omnipotencia divina, uma arma de dois gumes.

Se vos revoltais contra ella, sereis ferido de morte por ella.

Se curvais a cerviz e a acceitais, ella vós sanctificará.

Deus experimenta-nos, disse o Apostolo São Thiago, mas jamais elle nos incita ao mal. Tudo o que vem d'Elle é bom ; tudo o que desce dos Ceus até nós é por designio de Deus, um raio de luz e uma prova de amor. Somos nós que obedecendo aos attractivos das paixões desordenadas transformamos por vezes os beneficios da providencia em veneno mortal. “Feliz, “ conclue com ousadia o velho apostolo, daquelle que supporta “ com paciencia as tribulações porque depois que tiver dado “ provas de constancia receberá a corôa immortal prometida “ por Deus aos que o amam.”(*)

Cessemos pois de murmurar meus Irmãos.

De boa mente vos applicaria as palavras que o Apostolo São Paulo na sua epistola aos Hebreos dirigiu a todos os Christãos relembrando-lhes o sacrificio sanguinolento de Nosso Senhor Jesus Christo sobre a Cruz. “Não podestes resistir até derramar vosso sangue, lhes dizia ; *Nundum usque ad sanguinem restitistis.*”(†) Não é só este exemplo universal e transcendente do Calvario que vos convido a considerar, é tambem o de nossos trinta, talvez quarenta mil soldados que derramaram o seu sangue pela patria. Em comparação com estes bravos, dizei-me vós que temporariamente vos achais privados dos costumados confortos, dos jornaes, das facilidades de viajar, de communicações com a familia, o que é que tendes aguentado, que é que tendes sofrido ?

Que o patriotismo do nosso exercito, que o heroismo de nosso rei, e de nossa bem amada rainha, tão commovente pela sua grandeza d'alma, nos sirvam d'estimulo e de sustentaculo. Nada de queixas, não nos queixemos mais.

Tornemo-nos merecedores de nossa libertação. Appressemol-a com a nossa virtude, mais ainda que pelas orações de nossos labios.

Coragem, meus irmãos, os soffrimentos tem termo, a corôa da vida para nossas almas, a gloria para a nação não tem fim.

Não vos peço, note-se, que renunciéis a nenhuma de vossas patrioticas esperanças.

Pelo contrario, considero como obrigação de meu cargo definir vossos deveres de consciencia em face da potencia que invadiu o nosso solo e que momentaneamente occupou a maior parte d'elle.

Esta potencia não é uma auctoridade legitima. E por tanto, no intimo de vossa alma, não lhe deveis nem estima, nem dedicacão nem obediencia.

O unico poder legitimo na Belgica é o que pertence ao nosso Rei, ao seu governo, aos representantes da nação. Só elle é a nossa auctoridade. Só elle tem direito ao affecto de nossos corações, á nossa submissão.

Por si só os actos d'administração publica do occupante seriam sem vigor, mas a auctoridade legitima ratifica tacita-

* Thiago i., 12 et seq.

† Hebr. xii., 4.

mente os que o interesse geral justifica e só desta rectificação lhes vem todo o seu valor juridico.

As provincias occupadas não são provincias conquistadas assim como a Galicia não é uma provincia Russa, a Belgica tão pouco é uma provincia Allemã.

Todavia a parte occupada do paiz acha-se em uma situação de facto que deve supportar com lealdade. A maior parte de nossas cidades renderam-se aó inimigo. Por tanto incumbe-lhes respeitar as condições prescriptas para sua rendição.

Desde o inicio das operações militares, as auctoridades civis do paiz recommendaram com insistencia aos civis de se absterem de actos de hostilidade contra o exercito inimigo. Estes recommendações conservam-se de pé.

Só nosso exercito partilha com os valente batalhões dos nossos alliados, da honra e cargo de defeza nacional. Saibamos pois esperar d'elle a libertação definitiva.

Para com as pessoas que dominam pela força militar o nosso paiz e que no fundo de sua consciencia não poderão deixar de admirar a energia cavalheiresca com a que temos defendido e defendemos a nossa independencia, tenhamos as atenções, que o interesse publico exige. Muitas dellas protestam que querem, hoje, segundo a medida de sua capacidade attenuar as nossas provações e contribuir para que entre nós se restabeça um minimo de vida publica normal. Respeitemos os regulamentos que ellas nos imponham, com tanto que não attentem contra a liberdade de nossas consciencias christãs ou dignidade patriotica. Não façamos consistir a coragem apenas em fanfarronadas, nem a bravura em agitações.

Vós especialmente, meus bem amados irmãos no sacerdocio, sêde ao mesmo tempo os melhores zeladores do patriotismo e os sustentaculos da ordem publica.

Nos campos da batalha tendes sido magnificos. O rei e o exercito admiram a intrepidez de nossos capellães militares em face da morte, a caridade dos nossos enfermeiros militares e de nossos maquistas. Vossos bispos tem orgulho em vós.

Tendes padecido muito. Tendes sido duramente calumniados, Sêde pacientes. A historia vos vingará. Desde hoje contai com meu testemunho. Por toda a parte onde me tem sido possivel fazel-o, tenho interrogado as populações, clero e com especialidade um numero já consideravel de sacerdotes que tinham sido deportados para as prisões d'Allemanha e que um sentimento humanitario, ao qual me é grato prestar homenagem, restituiu á liberdade. Ora eu affirmo sob palavra d'honra e estou prestes a declaral-o sob juramento, que até aqui ainda não encontrei um unico ecclesiastico, secular ou regular que tenha excitado a população civil a servir-se de armas contra o inimigo. Todos, pelo contrario, teem obedecido fielmente ás instrucções episcopaes que tinham recebido logo nos primeiros dias de Agosto e que lhes recommendava usar de sua influencia moral junto as nossas populações para as mantér em socego e respeito pelos regulamentos militares.

Perseverai neste ministerio de paz que é para vós a forma mais salutar de patriotismo.

Accetai com coragem as privações que tendes que soffrer. Simplificai tambem, se o podeis, a vossa vida. Um dos vossos, reduzido pelo saque a uma situação bem proxima da miseria, me dizia ha poucos dias “Eu vivo agora como quizera ter sempre vivido.”

Multiplicai os esforços de vossa caridade corporal e espiri-
tual. A exemplo do grande Apostolo, “deixai-vos assediado
“ todos os dias pelos cuidados que vos dê a Igreja; que
“ ninguém fique arruinado sem que vós o fiquéis, que ninguém
“ caia sem que vós vos sintais tambem inflamados.”*

Tornai vos os campeões das virtudes que vos impoem ao
mesmo tempo a honra civica e o evangelho. “Que tudo quanto
“ é verdadeiro, tudo o que é honrado, tudo o que é justo, tudo
“ o que é puro, tudo o que é amavel, tudo o que é digno
“ d’elogio, virtuoso e meritorio se torne o alvo de vossa
“ applicação.”

Possa a dignidade de nossa vida auctorizar-nos a fazer
nossa, meus caros e amados confrades esta arrojada conclusão
de São Paulo. “O que vos ensinei, o que tendes ouvido de mim,
“ o que tendes presenciado em minha vida, praticai—e o Deus
“ da paz será comvosco.” “*Quae et didicistis, et acceptistis et*
“ *audistis et vidistis in me, haec agite et Deus pacis erit*
“ *vobiscum.*”†

CONCLUSÃO.

Continuemos pois, meus bem amados irmãos, a fazer peni-
tencia, a assistir a sagrada missa e a commungar pela santa
causa de nossa querida patria.

No Domingo 3 de Janeiro, em particular, será um dia de
oração universal pela Belgica e pelos nossos alliados.

Nesse dia organizar-se-ha uma communhão geral e uma
saudação solemne pelo successo de nossas armas.

Recommendo de novo aos Senhores Curas de celebrar todos
os sabbados um serviço funebre por intenção das almas de
nossos soldados.

Os recursos pecuniarios são, bem o sei, raros entre todos.
Todavia se tendes pouco dai do pouco que tiverdes, afim de
alliviar a miseria de vossos compatriotas que se encontram
sem lar, sem carvão, sem pão bastante. Eu encarreguei os
Senhores Curas de formar em cada parochia uma commissão de
socorros. Secundai-a, e fazei chegar ás minhas mãos com cari-
dade as esmolas que poderdes dispensar do vosso superfluo,
senão do vosso necessario, para que eu as distribua segundo
as necessidades que me forem apontadas.

* II. Cor. ix., 29.

† I. Philipp iv., 8-9.

As nossas desgraças commoveram as outra nações. A Inglaterra, a Irlanda, a Escocia, a França, a Hollanda, os Estados Unidos, o Canada rivalisam em generosidade em alliviar a nossa miseria. Este spectaculo é ao mesmo tempo lugubre e grandioso. Mais uma vez aqui se revela a Sabedoria providencial que tira o bem do mal. Em vosso nome, no meu, meus irmãos, eu offereço aos Governos e ás nações que tão nobremente se compadecem de nossos males, o testemunho emocionado de nossa admiração e reconhecimento.

Com commovedora bondade o Santo Padre Benedicto XV foi o primeiro a abrir o seu coração paternal para connosco.

Logo, poucos instantes depois da sua eleição dignou-se elle apertar me em seus braços e tendo eu a ousadia a de lhe pedir que a sua primeira benção pontifical fosse para a Belgica já então tão rudemente experimentada pela guerra. Correspondeu com instancia aos meus desejos, que eu tambem sabia serem os vossos.

Hoje com requintada affabilidade toma elle a iniciativa de renunciar ao vosso obolo annual para o dinheiro de São Pedro. Em um documento datado do bello dia da festa da Virgem Immaculada, digna-se elle dizer o quanto vivamente elle tomou parte nos nossos pezares. Ora por nós, invoca sobre a nação Belga a protecção do Altissimo e nos convida a saudar na proxima vinda do Principe da paz a aurora de melhores dias. Eis aqui o texto deste precioso documento:—

AO NOSSO CARO FILHO DÉSIRÉ MERCIER, CARDEAL SACERDOTE DA SANTA IGREJA ROMANA, COM O TITULO DE SAINT PIERRE ÈS-LIENS, ARCEBISPO DE MALINES, EM MALINES.

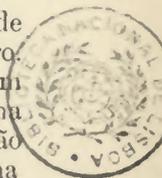
AMADO FILHO NOSSO,

SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA.

A solicitude paternal que temos por todos os fieis que a divina providencia confiou aos nossos cuidados nos faz partilhar de suas desgraças, mais ainda que de seus prazeres.

Poderíamos nós portanto não deixar de sentir a mais viva dôr ao ver a nação Belga, que tanto amamos, reduzida pela guerra mais cruel e desastrosa a uma situação deveras lamentosa?

Vemos de facto o Rei dos Belgas e sua augusta familia, os membros do Governo, os personagens distinctos da nação, os bispos e sacerdotes, o povo inteiro passar por males que enchem de piedade todo o coração bem formado e que nossa alma cheia de ardente amor paternal é a primeira a sentir. É por isso que sob o pezo desta tristeza e luto formamos ardentes votos pelo fim de tanto infortunio. Oxalá que o Deus de misericordia appresse este momento. Entretanto exforçemo-nos, tanto quanto podemos, por abrandar as excruciantes dores. Com este proposito as diligencias de nosso amado filho, o Cardeal



de Hartmann, Arcebispo de Colonia, que tiveram o effeito de obter que os sacerdotes presos, Francezes e Belgas, detidos na Allemanha recebessem o tratamento de officiaes, o que nos foi muito agradável e publicamente lhe testemunhámos a nossa gratidão.

Emquanto á Belgica, contaram-nos recentemente que os piedozos feis desta nação tão provada não deixam, de se dirigir para o nosso lado seus olhares, e mesmo pensamentos; victimas elles mesmos, de tanta calamidade, propoem ainda recolher este anno, como nos precedentes o dinheiro de São Pedro para subvenção das necessidades da Santa Sé Apostolica. Este testemunho verdadeiramente incomparavel de piedade e de dedicação nos penetra de admiração e accetando com toda a benevolencia que merece e com o coração cheio de reconhecimento, mas tendo em consideração a situação lamentosa em que os nossos queridos filhos se encontram não podemos por forma algum resolvermo-nos a animar a realisação deste projecto por muito nobre que seja. Se chegarem a recolher algum dinheiro é da nossa vontade que elle seja para soccorrer o povo Belga, tão illustre pela sua nobreza e pela sua piedade, como neste momento é digno de compaixão.

No meio das angustias e difficuldades da actual hora, convidamos estos filhos que tão caros nos são, que se recordem que o “Braço de Deus não é tão curto que não possa salvar sempre, nem seus ouvidos tão surdos que não possam sempre ouvir a nossa oração.”

E que esta esperança no soccorro divino augmente com a aproximação das festas do Natal cujo mysterio celebra o nascimento de Nosso Senhor e nos relembra a paz que Deus annunciou aos homens pelos seus anjos.

Possam tambem as almas tristes e doloridas derivar conforto e consolação da segurança da ternura paternal que inspira a nossa oração; sim que Deus tenha piedade da nação Belga, que a accumule de seus bens.

Como penhor destes votos nós vos concedemos de todo o coração a todos e a cada um e em primeiro logar a vós, nosso bem amado Filho, a Benção Apostolica.

Dado em Roma, junto a São Pedro, na Festa da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, anno MCMXIV, primeiro de nosso Pontificado.

BENEDICTO XV PAPA.

Uma ultima palavra, meus bem amados irmãos.

No começo desta crise, dizia-vos eu que no dia da libertação de nosso territorio, deveriamos dar ao Sagrado Coração e á santissima Virgem um testemunho publico de nosso reconhecimento. Desde esta data pode consultar meus collegas do episcopado e de accordo com elles supplico vos de fazer, logo que podermos, um novo efforço para appressar a construcção

da Basilica nacional que a Belgica prometteu dedicar ao Sagrado Coração. Logo que o sol da paz brilhar sobre nosso paiz levantaremos nossas ruinas, daremos abrigo aos que o não tem, reconstruiremos as igrejas, reedificaremos as bibliothecas e alimentamos boas esperanças de coroar esta obra de reconstrucção, elevando nas alturas da capital da Belgica livre e catholica a Basilica nacional do Sagrado Coração. Depois, todos os annos, cumpriremos o dever de celebrar com solemnidade, na Sexta feira depois da oitava do Corpus Christi, a festa do Coração de Jesus.

Finalmente, em cada região da diocese, o clero organizará annualmente uma peregrinação em acção de graças, a um dos sanctuarios privilegiados da Santa Virgem, afim de honrar especialmente a protectora de nossa independencia nacional e a Intercessora universal da sociedade Christá.

A presente pastoral será lida varias vezes ; no primeiro dia do anno e domingos que se seguirem ao dia em que a receberdes.

Acceitai meus bem amados irmãos, os votos que por vós faço, e pela a felicidade de vossas familias e recebei a minha paternal benção.

✠ D. J. CARD. MERCIER, ARCEB. DE MALINES.
